

CAXIAS, O HOMEM E A LIDERANÇA

DEA. VILMA SANTOS CARDOSO MONTEIRO

Diretora do Instituto Central de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Paraíba.

(Conferência especial para abertura da SEMANA DO EXÉRCITO, 1.º Grupo-mento de Engenharia, 19 de agosto de 1971).

Cidadão, Soldado e Estadista; Conselheiro da Coroa, Presidente da Província, Grande do Império, Ministro de Estado, Presidente do Conselho de Estado, Barão, Conde, Marquês e Duque; agraciado com a Grã-Cruz das ordens brasileiras de Avis, Cruzeiro, Rosa e Pedro Primeiro; Fundador do Império, que viveu entre 1803 e 1880, Patrono do Exército Nacional.

A enumeração dos títulos de Luiz Alves de Lima e Silva, por si mesma, constitui prova de uma vida dedicada à ação e à liderança sobre os destinos do Brasil. No entanto, para o historiador que convive com os expositores dos fatos brasileiros, que lê tudo o que lhe cai nas mãos em termos de comentário histórico, sempre ficam perguntas e o permanente desejo de perscrutar sozinho entre as veredas do tempo e as variações do espaço. Al do estudioso de História que se debruça sobre todas as leituras e não dedica instantes para refletir; que nada descobre pela sua própria interpretação, mas que apenas aceita o que está impresso. História é mais do que condensação de fatos, muito mais do que memória prodigiosa ou expressão oratória fácil. História é, acima de tudo, crítica e interpretação inteligente sobre fatos incontestáveis. E é através dela, uma História que faz justiça a um grande vulto da Pátria, que vamos reviver a personalidade de Luiz Alves de Lima e Silva, trazendo-o aqui, para que todos nós sintamos sua presença e o reverenciemos com nossa homenagem que ressalta sua memória como exemplo que foi de cidadão fiel aos princípios da ordem e da paz, merecedor da primazia de Patrono do Exército Nacional. Hoje, um momento de reflexão e de exigências sobre os merecimentos dos homens e suas contribuições efetivas para a integração do nosso Brasil.

Ao receber a honrosa missão de estar presente a esta assembléia, segui a disciplina de trabalho intelectual a que há muito me impus: localizei mentalmente a personalidade de Caxias nos dois reinados

que o Brasil conheceu, traçando um esquema de estudo que teria de começar por algumas pesquisas bibliográficas. Durante vários dias, trasladando-me para a sua época, anônima e invisível, acompanhando-o em suas andanças, desde a Escola Militar até as mais árduas tarefas de campanha que enfrentou. Fomos — sim, eu fui também — à Bahia, onde em 1821 recebeu seu batismo de fogo; vi-o jurando a Constituição de 1824, pela qual lutaria durante toda a existência; em meio desse ano já estava na Cisplatina; em 1841 encerrou a revolução chamada de Balaiada, no Maranhão; depois pacificou São Paulo e Minas; em 1843 envolvia-se na guerra dos Farrapos, no Rio Grande do Sul, disposto a solucionar uma guerra civil que exauria a província e o Império; luta contra Oribe e Rosas na Guerra Cisplatina e salva nossas vitórias já conquistadas na Guerra do Paraguai, depois das brilhantes batalhas de Tuiuti e Riachuelo, vencendo em Humaitá e entrando em Assunção.

Finalmente, reuni-me com seus biógrafos mais cuidadosos, Capistrano de Abreu, Hélio Viana e outros, para trocar idéias. E de todos os diálogos que mantivemos, analisando fatos da História do Brasil e revendo, principalmente o 1.º e o 2.º Impérios, uma observação precisa ser registrada em primeiro lugar: quando passava a vista por uma estante de História da nossa Biblioteca, justamente a que reúne os artistas, os heróis, os músicos, os escritores e os poetas, um título me atraiu: os guerreiros. Tomei o livro para observar quais as biografias que o autor escolhera, o que significava concluir sobre quais os líderes militares que julgou terem sido os mais destacados. E a seqüência é digna de nota: encontrei velhos amigos meus, aproximados nas páginas de um livro, como se estivessem cultivando um encontro em sala-de-estar, em extensa conversação cujo tema era estratégia e política de liderança em grandes Impérios, Estados e povos. Quem fôra convidado para essa reunião impar? Revi Alexandre, Anibal, Júlio César, Atila, Nelson, Napoleão e Caxias. Constatou-se mais uma vez que o simples índice de um livro pode titular um personagem da História, quando conceitua, implicitamente, uma triagem de valor e importância. Para Caxias, ali está mais um título, pouco repetido: não só um grande vulto brasileiro, mas um dos maiores personagens da História de todos os tempos e das dificuldades de todos os lugares. Eis um aspecto que o Brasil tem de impor ao mundo, juntamente com sua elevação política, econômica e social, a da sua História, com fatos e personagens que superam o âmbito do particular ou regional, para honrosa inclusão na História Geral da Humanidade. Quanto ao Duque de Caxias, como exemplo, é necessário que nós mesmos o conheçamos melhor. Não somente pelo que fez, não somente como agiu, mas também as origens de sua energia, os pilares formadores de sua liderança, enfim, o conjunto de sua personalidade, principalmente quanto à sensibilidade, inteligência, discernimento. Homens que

marcam a História da Humanidade não se pertencem e o gênio é um ser humano fora de rotina. Como é que vive? Ama? Sofre? Tudo o que soubermos ainda será pouco, para uma História que hoje não se faz mais só no ritmo da política, mas que almeja decifrar a cultura, a época, o Homem.

Fisicamente Luiz Alves de Lima e Silva era um homem de boa aparência e estatura, com saúde bem normal e bastante vigorosa. Somente quando sexagenário passou a sofrer amigdaladas vezes, com períodos bem caracterizados de padecimentos físicos, assim mesmo como consequência dos anos vividos e das lutas travadas. Ainda assim, aos 63 anos, em plena Guerra do Paraguai, subscritou mensagem em Curupaity, mostrando a excelência do vigor físico, quando diz: "Exmo. amigo. Estimarei que esteja bom e mais descansado do que eu, que há 5 dias não tiro as botas".

Nascido de uma família voltada para os serviços militares, em nome da ordem e da paz, seu pai foi Marechal-de-Campo e Senador do Império; pelas suas mãos, no Palácio de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, a 2 de dezembro de 1825, o recém-nascido Príncipe Imperial D. Pedro de Alcântara, o futuro D. Pedro II, foi apresentado à Corte. Seguindo uma tradição que distinguiu a família Lima e Silva, Luiz Alves, nosso Duque de Caxias, assentou praça de cadete aos cinco anos, dispensada a idade legal por ato do Príncipe Regente. Egresso da Academia Militar em 1820, portava conhecimentos bem aproveitados: sabia Francês, Inglês e Alemão; assenhoreara-se de sólidas informações em tórno da Matemática Superior, Astronomia, Cartografia, Química, Física, Arquitetura civil e de ponte, de portos e de canais, sem ter desprezado a História Natural e outras disciplinas.

A movimentação militar esteve portanto rodeando os primeiros estágios da formação de Lima e Silva e o seu ritmo, como fator adquirido por influência do meio doméstico, da tradição e dos estudos, juntou-se aos elementos naturais de sua personalidade, resguardando-lhe a opinião própria. Ao mesmo tempo em que era formado dentro dos limites da ordem familiar e dos princípios da nacionalidade, seu temperamento decisivo, e talvez mais enérgico, desenvolveu-se em maneiras individuais de discernir e atuar. Assim, constitui exemplo único na História do Império o fato de que Lima e Silva, quando Senador e colega do próprio pai, nas reuniões mais altas do Governo, ao entrar na sala de sessões a êle se dirigia para lhe tomar a bênção em público, em espontânea demonstração de respeito filial, mas nos momentos decisivos de debates e votação, desprendia-se completamente do genitor e agia de acôrdo com pontos de vista que emanavam de um conceito de valores independentes e critério de avaliação sôbre os destinos do Império muito objetivo e seguro.

Em 1833 Lima e Silva formou sua própria família: casa-se com D. Ana Luísa Carneiro Viana, filha do Desembargador Paulo Fernandes Viana e de D. Luísa Rosa Carneiro Leão. Não é um casamento fácil. D. Luísa Rosa não quer que ele se realize e envida esforços para impedi-lo. Luiz Alves de Lima e Silva, porém, sempre soube querer; se determinava bem o que lhe parecia mais acertado no campo da luta, se soube como e quando sustentar um império e impedir que se fragmentasse, também não titubeou ao encontrar a companheira de todos os dias; em legítima demonstração de sensibilidade humana e envolvido por sólido e verdadeiro afeto por sua noiva, arrostou com todos os senões de D. Luísa Rosa e casou-se com Ana Luísa. As dificuldades que cercaram a realização do enlace, talvez ainda tivessem resultado em mais força de responsabilidades domésticas. Foi um casamento para durar. Mas também, passou por crises profundas, em que o sofrimento entrou naquele lar, tentando quebrantar sua firmeza. Senão, lembremos que D. Ana Luísa teve duas filhas e algum tempo depois o pequeno Luiz Alves de Lima e Silva. Com grande capacidade afetiva, o futuro Duque de Caxias envolveu as meninas com muito carinho; naturalmente, porém, quando nasceu o pequeno Luiz sua alegria de homem foi imensa, como humana necessidade de ver continuada sua própria vida e seu próprio sangue através de um filho varão. Pobre pequeno Luiz. Receptáculo de tantas esperanças e com uma vida pela frente, já em preparo para exercer papéis dignos dos pais que o educavam, desapareceu aos quinze anos. Pode-se imaginar o sofrimento do nosso Caxias? Pode-se, sim. Quem de nós ainda não sofreu a dor do desaparecimento de um ente querido? E Deus queira que sejam poucos os que têm a desdita de perder seu único filho homem, pois basta que tenhamos presenciado a tais quadros para que sintamos um quase descontrôle interior. O sofrimento, porém, não revoltou Lima e Silva, justamente porque sua forte personalidade ajudou-o a emergir do grande trauma. Desde então, maior ainda foi sua afeição por sua esposa e o carinho para com suas duas filhas. Marido e pai devotado, não deixou que as vagas das tempestades da vida o alijassem do seu lugar de apoio e chefe da família que construiu. Enquanto militar, diz-nos um dos seus biógrafos, aludindo à época posterior à perda do pequeno Luiz: "O futuro Duque de Caxias prosseguiu, depois, numa carreira ascensional, gloriosa e impressionante. Tinha uma missão divina a cumprir: sua espada manteria a integridade do território e a união das Províncias, como o queria a Constituição outorgada a 25 de março de 1824, e sustentaria a honra do Império nas lutas externas". Esse trecho fala muito da energia pessoal de um indivíduo, já que o recomeçar de uma existência, depois do embate traiçoeiro da desgraça, é suficiente para justificar um homem.

Entre os outros momentos em que o Duque de Caxias demonstrou pesar e tristeza afetiva, há um depoimento de próprio punho que

revela a dor pela perda de um amigo; não sendo documento oficial destinado a contar nada à posteridade, mas uma simples carta dirigida a um companheiro de arma, tem para o historiador que procura descobrir a individualidade de um grande vulto, grande importância. Essa carta foi escrita também durante a Guerra do Paraguai e registra o seguinte:

"As poucas melhoras que ia alcançando com minha estada nestes lugares desapareceram, nos dias que tive de estar lá em baixo, em consequência do grande desgosto por que passei, pois bem sabe, que eu, além de sobrinho e cunhado do infeliz Barão de Suruhy, era seu verdadeiro amigo, desde a infância, e por isso avaliará a minha dor".

Era afetiva, sim. Sofria com as desditas dos amigos e deu provas de ter cultivado amizades profundas e verdadeiras, como testemunha sua imensa correspondência com Frederico Caldwell, companheiro de armas e também soldado valoroso. Dai o grande respeito que nutria pela vida humana. Militar de altos postos, jamais determinava atos que pudessem ser motivo de desnecessária agressão. Caxias cultivava a ordem, a autoridade e a união da Pátria, não a força. Isto significa que nem sua espada invencível, nem sua liderança de comando e nem a sua rara capacidade de planejar estrategicamente, o remeteram aos caminhos da violência que era o caminho certo, mas que a trilha comum nos primeiros tempos do Império, multiplicando-se em várias províncias. Pelo contrário, combateu-a de todas as formas. As suas próprias tropas proibia o abuso da violência e recomendava moderação e temperança. Um de seus biógrafos exemplifica o homem que compreende e perdoa, dizendo, sobre a campanha do Maranhão: "Testemunha sua generosidade e espírito pacifista, o fato de que no decorrer da campanha assinou 12.000 indultos". E no Rio Grande do Sul, sabemos como agiu logo de início, em plena efervescência de ânimos, que se digladiavam em tumultos: baixou ordem peremptória no sentido de que nenhum prisioneiro fosse degolado, em quaisquer circunstâncias; isso porque a degola de prisioneiros era a regra mais comum entre todas as guerras partidárias; também na Guerra contra Rosas, no momento em que o ditador se encontrava em fuga para a Europa, Caxias desembarca em Palermo e se dirige para o quartel-general aliado para impor o seu nome e prestígio de representante do Brasil, a fim de interceder sobre a onda de vingança e sentenças sumárias de fuzilamento e decapitação dirigida contra partidários do regime derrotado e que, quase sempre, eram pessoas importantes e possuidoras de bens avantajados para proveitoso confisco. Eis Caxias, defendendo o homem em terreno alheio; o homem que não é seu irmão de pátria, mas filho de Deus, irmãos por motivos mais altos.

Essa preocupação com o homem não fica circunscrita aos fatos de vida ou de morte; amplia-se para a ordem social de respeito

mútuo. Tanto que, das vezes em que se voltou para a administração, dentro ou fora do palco das guerras, deu provas de grandes descortinhos, tendo em vista os elementos básicos de honestidade e moral, necessários aos poderes constituídos que queiram levar um povo à paz do seu trabalho, à alegria de sua vida familiar e ao desenvolvimento coletivo. Olhemos Caxias no Maranhão: 4 de fevereiro, vai chegando, com títulos de Comandante das Armas e Presidente da Província; passa 3 dias coligindo informações. Recusa-se ao envolvimento dos partidos. Pouco fala. Escuta. Pensa. E no dia 7 lança sua primeira proclamação em que diz: "deveis conhecer a necessidade e as vantagens da paz, condições da riqueza e da prosperidade dos povos". E começa a agir; descobre que a revolução maranhense, que vinha ferindo a sociedade e a economia regionais, podia ser sintetizada em duas palavras: crise de autoridade. Não lhe foi difícil, portanto, sentir o clima de insegurança que abalava cada família. Segue um lema que a si mesmo impôs: primeiro o homem, depois a luta. Assim, devolve a vida normal aos que não queriam a guerra, sob ação rápida em que investiga créditos suspeitos, paga dívidas legitimadas, combate a especulação e a usura, concede favores ao comércio desacreditado, cria um hospital maior e várias enfermarias para doentes e feridos, manda repor em seus lugares, valores e arquivos escondidos da depredação. Não havia começado a guerra e o homem comum, nela não envolvido diretamente, já pode viver, já pode progredir, já pode confiar.

Tal preocupação com o humano, repete-se várias vezes. Vejamos Lima e Silva no Rio Grande do Sul: cavalga pelos campos, conhece cada local e se constrange observando povoações inteiras com maioria de moradores velhos, doentes, ou formadas por mulheres e crianças; os homens válidos tinham partido para a luta e muitas vezes o alfanje da morte aproveitara-se das guerrilhas para ceifar pais, maridos, filhos e irmãos. Depois de pacificados os ânimos ordena então que o artesanato de todos os materiais comuns ao vestuário, bem assim como peças auxiliares, tais como arreios e outros, de que o Exército precisava, fôsem preparados nessas povoações, onde a carência de meios de vida, de subsistência e, conseqüentemente, de equilíbrio econômico, era evidente.

A partir de 1855, enquanto Conselheiro de Estado e Ministro da Guerra, mais uma vez tem de administrar; sem nos demorarmos nas reformas realizadas diretamente na organização do Exército, criador que foi do organismo predecessor do Estado-Maior, vemo-lo remodelando seu Corpo de Saúde, para dotá-lo de melhores condições de atendimento; com uma visão surpreendente quanto a problemas ainda modernos, deixa sua marca imperecível nas elites governamentais, ao tentar melhorar as relações entre proprietários e trabalhadores do campo e incentivar a racionalização dos métodos agrícolas, tendo como objetivo tanto as melhorias de técnica, como a produção

multiplicada. E por que Caxias preocupa-se com isso? Porque é líder humano e generoso. Porque pacífica com a espada, usando-a só depois de apelar para o bom-senso; mesmo assim, ao fazê-lo, integra territórios entendendo que a Pátria é um todo, de províncias e governos, de terras, mas também de homens.

Em meio às tarefas administrativas e de guerra, poderíamos surpreender um Caxias político? Não. Positivamente não. O político verdadeiro é, quase sempre, ambicioso de poder e prestígio e isso é justamente o que Lima e Silva não profissionaliza no seu EU. Vamos folhear sua correspondência e colher seus desabaços pessoais: eis uma carta a Osório, onde está escrito e assinado: "Não se pode ser ministro neste tempo, meu amigo, porque os ingratos e os descontentes são muitos, pois não se pode contentar a todos os pretendentes, e rogo aos céus para que o Imperador se não lembre de mim para tal cargo, pois dêle não colho senão desgostos e despesas. E mesmo o perdimento de algumas amizades velhas, sem conservarmos nenhuma das novas, pois essas que vêm com a pasta, ficam com ela ou com quem a rege".

É um trecho que vale por uma lição; nele o historiador percebe que a disciplina do servidor da Pátria roga a Deus para não ser chamado às lides políticas mais uma vez, mas deixa entender que, se fôr para ser útil, não discurtirá; depois, outro dado da personalidade de Caxias, contido no valor que empresta às amizades verdadeiras, que não valem o sacrifício pelo cargo de alto pósto político.

Encontramos agora outra carta; alude, também, às questões políticas do Brasil-Império e encerra desprezo pelas contundências banais e sem maiores objetivos, como chamaria depois, "guerras de alfinêtes" para quem combateu com mil espadas. A mensagem é para seu amigo Caldwell e vem do Paraguai "Aqui vou lutando com um sem número de dificuldades, enquanto aí pensam que estou em leito de rosas".

Mas talvez que a melhor lição de despreendimento sôbre prestígio político esteja em seu testamento, em que determina a dispensa de todas as honras nobiliárquicas a que tem direito, para ser conduzido ao campo-santo pelas mãos de seis soldados rasos, mas que sejam homens de bem, de honestidade, de comportamento e disciplina militar sem mácula.

Durante sua brilhante carreira, porém, teve de exercer várias funções de chefe político; em regiões em guerra, usou-a para alcançar objetivos planejados de aproximação de partidos em conflito, como é o caso da reorganização de comando para a Guerra do Paraguai, quando entregou chefias a farroupilhas já pacificados. Como êsse ato tumultuou o cenário político da Corte! Em contrapartida, como souo bem para a união gaúcha, desmanchando os últimos resquícios de ressentimento entre vitoriosos e derrotados! Além disso, evitou

que os da fronteira se esquecessem de que seu solo pátrio, para quem devia pender a vitória, era o Brasil. Se os paraguaios alimentavam esperanças de levantar de novo o Rio Grande do Sul contra o Império, de uma vez por todas estancaram em perda pretensão!

Fora da campanha, no Ministério como no Senado, revela uma atuação política comedida e pensada, com alguns arroubos de impaciência, que guarda para si, ou apenas deixa transparecer em correspondência para amigos. Quando Senador, por exemplo, ao assistir o conflito político internacional com a Inglaterra, denominado "Questão Christie", há um momento em que escreve ao Visconde do Rio Branco, para declarar exatamente o que sente. Vejamos o correr de sua pena: está marcado no papel, com letra enérgica: "tenho vontade de quebrar a minha espada quando não me pode servir para desafrontar o meu País de um insulto tão atroz". Realmente, a atitude do Almirante inglês Warren, mandando apreender unidades mercantes nacionais, não agrada a Caxias que termina sua missiva com o seguinte parágrafo:

"Disseram-me, na cidade, que o Almirante inglês teve a princípio o plano de tomar as nossas Fortalezas, mas que depois mudou para o de dar caça os navios brasileiros e toma-los".

"Que tratantes!"

Vê-se logo que, desde o momento em que colhe conhecimentos na casa paterna e absorve experiências na Academia Militar, desde aquêle dia bonito — 10 de novembro de 1821 — quando na Capela Imperial e em meio a suntuosa cerimônia, vestido com os galões de Tenente da Guarda de Honra do Batalhão do Imperador, recebe a primeira bandeira do Brasil Independente, todo o desempenho de Luiz Alves de Lima e Silva, Marechal do Exército e Duque de Caxias, tem um só ponto de convergência: a liderança.

Procuremos auxílio de autores modernos, que tratam dos problemas de Chefia, e que estabelecem as qualidades essenciais de um líder. Se aqui viessem, em suas medidas de liderança enumerariam: saúde física, capacidade técnica, cultura geral, visão, competência para decidir, justiça, respeito humano, coragem. Lima e Silva suporta qualquer confronto através de sua vida pessoal e de profissão. E onde essa liderança melhor se define é na energia do comando militar. Ai, qualquer expositor se perde em meio a tantos exemplos de clareza e acerto; na verdade, para ser completo, teria de analisar dois grandes períodos de reinados na História do Brasil, os particularismos regionais, de política e idéias de grande parte das províncias e a própria estrutura do Império. Nem mesmo é fácil selecionar exemplos: as circunstâncias de cada luta dão-lhe cores particulares, os campos de batalha diferem, os métodos de guerra multiplicam-se. Um traço, porém, é permanente: tenta a persuasão! Mas sua energia torna-se irredutível, quando o clima emocional da

revolta não cede ao apêlo do bom-senso. Felizmente a palavra pacificadora transformou muitos conflitos graves em fracas dissensões, logo depois vencidas.

Uma das clássicas páginas da vida militar de Caxias, em que se miscigenam respeito pelo adversário e decisão de combatê-lo, é-nos narrada em duas cartas, documentos preciosos da não menos célebre revolução de São Paulo, trocadas entre Feijó e o Pacificador.

Diogo Antônio Feijó conhecia bem Caxias, a quem tivera como subalterno. Conhecia, e respeitava. Vendo-se em condição de divergente do Império, deve ter tido dificuldade em lutar contra um homem da envergadura moral e militar do Grande Líder. Tanto que lhe escreveu, iniciando a mensagem com frases amenas em que se pode até descobrir bom humor e urbanidade, dizendo:

“Quem diria que em qualquer tempo o Sr. Luiz Alves de Lima e Silva seria obrigado a combater o Padre Feijó? Tais são as coisas dêste mundo...” — O texto da carta continha, na verdade, uma proposta de paz em termos pouco convenientes ao Império. Caxias não deixou de respondê-la:

“Ilmo. e Exmo. Sr. Diogo Antônio Feijó:

“Quando pensaria eu em algum tempo que teria de usar da força para chamar à ordem o Sr. Antônio Diogo Feijó? Tais são as coisas dêste mundo...”

Logo adiante transparece tôda a irredutibilidade de quem sabe o que lhe compete em decisão e ordem, quando continua:

“Não é com armas na mão, Exmo. Sr. que se dirigem súplicas ao Monarca, e nem com elas empunhadas admitirei a menor das condições que V. Excia. propõe na referida carta.”

Na Guerra dos Farrapos está o melhor exemplo de flexibilidade de comando: descobrindo os métodos dos guerrilheiros, age de forma magistral: determinou razias que findavam em perseguição de revoltosos, mas não se apresavam os homens, seguravam-se os cavalos; depois, passou em revista as fazendas e estâncias, comprando todos os animais de montaria que encontrou; fêz mais: ofereceu altos preços aos criadores uruguaio e argentinos, cortando as possibilidades de provimento aos insurgentes sem dinheiro. Acabou-se a mobilidade dos farrapos! Por outro lado, viu-se com 7.000 cavalos para transportar de São Lourenço para Pôrto Alegre: pôe-se à frente da tropa, desvia a atenção dos revoltosos e, em corrida sem igual, chega ao seu destino. Em seguida, reformula a ordem dos combates, destacando colunas armadas mais ou menos no estilo dos combatentes da terra. É o comandante-em-chefe, combatendo farrapos pelos métodos dos farrapos. Essa capacidade de estudar o meio, as con-

dições de luta, a psicologia mesma dos combatentes adversários e, até mesmo de imitá-los, exige muita inteligência, decisão e estratégia. A verdadeira liderança exige uma sensibilidade quase à flor da pele, principalmente quando estão em jôgo vidas humanas; suas situações agravam-se quando o comandante tem uma dupla responsabilidade: a de enviar seus homens ao encontro da luta, e talvez da morte, contra um inimigo que também não se quer ver dilacerado, porque não se tem ódio arraigado contra ele, quando se compreende um adversário envolvido em exaltação e bravura medidas pelas circunstâncias do tempo e política passageira de uma época. Caxias não quer exterminar. Assim, desarticula, desarma, corta condições de permanência no lado contrário, ao mesmo tempo que apela para a razão e acena com o indulto, a paz e o direito.

Quando os Farrapos mais insistentes mudam de tática e procuram a luta maior em campo aberto, usando inclusive do recurso das informações falsas sobre suas reais condições de combate, Caxias percebe a manobra e se prepara. Dá-se o mais impressionante encontro da guerra, em Poncho Verde. Os Farroupilhas, reunindo 600 homens armados e dispostos a uma decisão praticamente final, pensam abrir fogo contra 800 soldados imperiais. Lima e Silva mantém contingentes em manobras sigilosas e quando os rio-grandenses avançaram confiantes, debateram-se, não com 800 imperiais, mais com 2.500. Desde então a República de Piratini fadava-se à extinção. Um último combate, o de Porongos, em que a tática obedeceu ao fator surpresa, desencadeado que foi sob a tônica do choque que não permitia qualquer possibilidade de composição de defesa, a vitória se completa e o caminho do reencontro das famílias gaúchas resulta aberto.

Farroupilhas escreveu sua última página histórica em 1845 e Caxias contava então 42 anos. Mais tarde, em Humaitá e com 64, escreve a Caldwell: "Tenho trazido o inimigo todo para dentro da Fortaleza de Humaitá, onde o tenho encerrado, depois da fuga de López; e se nestes 15 dias não se renderem, assalto a Fortaleza, custe o que custar!" A mesma energia, a mesma força de decisão, mas é outro o sistema de luta. O do cerco apertado e vigilante; o da quebra de resistência pelo cansaço e até mesmo exaustão. Humaitá tinha de cair. Grandes problemas envolviam os interesses do Brasil depois do sério revés de Curupaiti. Que se temia? Vitórias já haviam sido registradas, com grande honra para o Império, tais como Riachuelo e Tuiuti. Ainda mais, o insucesso não era irreparável àquela altura. Quais as implicações? Eis onde a História pára e reflete; indaga por que foi e por que não foi. Se não tivesse havido a glória de Humaitá? Qual o destino da guerra? Basta a reflexão sobre a política da época para que se possa descobrir: 1.º, os chamados pacifistas do Prata, tendo à frente Urquiza, não deixariam de tirar bom partido

da situação; depois internamente, os pessimistas do Império Brasileiro, levantariam as vozes para maior tumulto da ordem; o nome do Exército e seu futuro, como órgão defensor e de controle, estavam em jogo. Bem vemos que há um conjunto que chamaríamos de "prestígio" pendendo na balança; juntadas as peças do desacerto, no mínimo o Brasil teria sido levado a um final de guerra pouco consistente e através de algum mediador que depois se arrogaria de importância e superioridade internacional sobre o nosso império. Que mais? Este mesmo império resistiria? Humaitá tinha de cair! Caxias sabia disso. Sabia, aliás, muito mais! Desde o começo da guerra, quando acompanhava de longe o seu desenrolar, estudava tudo. Procurava estar a par de todos os passos dados, pois tinha a certeza de que o Imperador o chamaria; conseguia cartas dos terrenos e das posições em que se localizavam os Exércitos e estudava. Quietamente, na sombra de um Ministério que não o agradava, esperando a hora de agir. E ela souo em momento altamente crítico; quando o Brasil sofria o perigo da retirada, quando seu Exército estava mal tratado e mal provido, quando a esperança de leitos e soldados esvaia-se na confusão. Bem diz o historiador Pedro Calmon: "O Imperador apelou para Caxias, considerado, desde a primeira hora, o único general com suficiente autoridade para dirigir a guerra sem vacilações e sem tropeços".

Nestas condições Caxias assumiu o comando: lutou com epidemias, com o mal das comunicações precárias, com o desgaste de providimentos deficientes, com a falta de transportes; e sempre sob o fogo inoportuno do inimigo. Mas chegou a Humaitá, fechando-a em envolvimento cerrado, ao mesmo tempo em que criou condições de contato permanente com a base de Passo da Pátria. Emboscadas, avanços sobre pontos inesperados, arrôjo de oficiais e soldados, e Humaitá viu-se presa. Os paraguaios ainda pensaram em abandonar a praça com a finalidade de alcançar o caminho do rio, que parecia deserto; jogam-se ao seu encontro, à procura de suas casas, mas era tarde. Foram barrados pelos homens que ocupavam o Chaco. Logo depois Humaitá capitulou, com as honras devidas, mas com 1.327 paraguaios quase mortos de fome.

É certo que Caxias perdeu muito tempo na redução de Humaitá, deixando de abandoná-la para se dirigir mais depressa para Assunção? Não ouçamos os comentários maldosos dos políticos da época! Observemos esse feito militar dentro de medida também militar: o que era próprio, ou pelo menos tradicional para a época? A emoção, o arrebatamento e a vanglória. Principalmente para quem assistia a guerra: e há muita distância entre o criticar e o fazer. Técnica-mente, o mais usual era o cerco, o envolvimento e os combates conjugados. Tudo rápido e brilhante. Mas uma guerra, para criar vitórias exige arte, paciência e atitude prudente. A frase do "cheguei,

vi e venci" é fácil de ler; mas vai-se analisar... e a velha guerra da Gália absorveu anos e anos! Os críticos da imprensa, os maliciosos da política do Império, o ceticismo dos pessimistas, não sabiam que é muito fácil dizer mal de uma luta, quando não se está nela. Mas Caxias, militar inteligente e experimentado, soube medir o terreno, a incógnita dos efetivos inimigos, a falta de contingentes armados para múltiplas e rápidas ofensivas. Teve paciência, soube contar as horas e desferir o golpe mortal no ponto certo e na hora aprazada. E abriu um caminho limpo para o desfecho final e glorioso.

Vencida Humaitá, nova tática de guerra também. Dessa vez, apela para seus conhecimentos de engenharia e intenta construir uma estrada através de região ingrata, e a duras penas. Para vencer o obstáculo do terreno alagadiço, executa uma operação militar sem confronto com quaisquer métodos ou situações, das grandes guerras da História. Soma todas as armas e todas as forças; emprega a cavalaria, os infantes e a esquadra para que o terreno seja preparado, às margens do rio Paraguai; tiroteia com o adversário e constrói 10 quilômetros de passagem em 22 dias; desde aí, distribuiu a vanguarda e o material de guerra, enquanto a esquadra tomava a si a tarefa de transportar as últimas unidades. Inicia-se a "Dezembrada", repleta de heróis, com o destaque do grande Osório, ferido no mais ferrenho combate da guerra do Paraguai, depois da primeira de Tuluá; tombam oficiais de grande linha; sofrem soldados de todas as unidades, mas não se pode parar. Chegou o momento final da última tomada de contas. Caxias, de espada em punho, avançava à frente do 1º Corpo do Exército; não mais sob plano de paciência; agora, com o arrôjo de quem sabe que é chegada a hora.

Sobre a "Dezembrada" diz-nos a História que "tão ousada e de tal magnitude foi essa operação que López, chefiando pessoalmente o seu exército, não pôde conceber a massa de manobra que Caxias pudera conduzir. Levado por esse engano comete erros palmares; em vez de lançar toda a força de que dispunha, despacha efetivos parciais contra Caxias que os bate nas sanguinosas quanto violentas batalhas de Itororó e Avai. López fortifica apressadamente as elevações de Lomas Valentinas, as quais, atacadas de revés pelos brasileiros, proporcionaram uma das batalhas mais renhidas já travadas nas Américas, pois o chefe paraguaio percebe jogar sua derradeira cartada e manda seguir os combatentes por escalões especialmente industriados para fuzilar sem piedade aos que reagissem".

Quando Caxias teve certeza da derrocada final do Exército Paraguai, fiel aos seus princípios de evitar inúteis ferimentos, abriu pausa para que o inimigo apresentasse rendição. Não López, o homem que almejava personificar a própria lei, não o autocrata absoluto a derramar entre os dedos as vidas, as fortunas e a paz de seus

súditos. Assim, ante a recusa do adversário, Caxias desfechou o último golpe, que ensejou a fuga do ditador sem Exército e sem esperança de possível vingança e que levou nosso Exército a Assunção do Paraguai, selando uma vitória justa e merecida, sobre uma causa de honra que engrandece o Brasil.

Els a síntese. Els o exemplo do líder que combate o Maranhão e dêle sai glorificado; que recebe ordens militares para reprimir São Paulo e é recebido sob o toque dos sinos e entre risos de júbilo de Sorocaba; que leva a clemência e a justiça a Minas Gerais; que recebe ordens de acabar com a guerra do Rio Grande do Sul e cria o quadro imorredouro da última parada, em que os farroupilhas recebem a ordem: "Apresentar armas ao Sr. Barão de Caxias!" O exército obedece e se dissolve. Um Rio Grande que lhe tributou grandes honras, sem distinção de vencedores e vencidos.

Por suas vitórias na Guerra do Paraguai, o Império rendeu-lhe homenagens, concedendo-lhe o título nobiliárquico privativo de príncipes. Hoje, o Brasil inteiro saúda Lima e Silva, com muito mais razão. Só a História, através da perspectiva do tempo, pode reunir uma vida ao conjunto de uma época; pode avaliar ações e idéias pessoais à vista do seu significado no todo; pode tirar os fatos históricos, dignos de assim serem chamados, de acôrdo com a repercussão alcançada quanto ao momento e ao espaço. Nessa crítica nada fácil ou pouco exigente, Luiz Alves de Lima e Silva, Marechal do Exército e Duque de Caxias, é um homem que perdura. Não como simples nome em lista coletiva, mas como personalidade que fala alto por tudo o que foi em vida e por tudo o que fez por sua Pátria. Homem presente por suas ações; moderno, por seus ideais consolidadores da Independência, de integração territorial, de tranquilidade e progresso coletivos; exemplo de brasileiro temente a Deus e dedicado à sua família. A História o reconhece no encontro entre os grandes líderes do mundo e os brasileiros que ora travam batalhas novas contra a ignorância e o falso patriotismo, que lutam pela integração e pelo progresso, que suportam seu olhar e não temem sua espada, agradecem-lhe o patrimônio legado, sentem sua presença e repetem em todo o Brasil: nós te saudamos!

BIBLIOGRAFIA

- VIANA, Eêlio: *Viúta do Império*. Ed. Brasiliiana.
 D. Pedro I e D. Pedro II. *Acréscimos às suas biografias*. Ed. Brasiliiana.
História do Brasil. Ed. Melhoramentos.
Estudos de História Imperial. Ed. Brasiliiana.
História Diplomática do Brasil.
 POMBO, Rocha: *História do Brasil*. Ed. Melhoramentos.
 CALMON, Pedro: *História do Brasil*. Ed. José Olympio.
 SOUZA, Otávio Tarquínio de: *História dos fundadores do Império do Brasil*. Ed. José Olympio.
 DONATO, Hernani: *Os Guerreiros*. Ed. Brasiliiana.